

## 4 Teoria da Valoração

Neste capítulo, passo à apresentação da segunda teoria lingüística usada como base de investigação nesta pesquisa – Teoria da Valoração - que surge como um braço da LSF, mais especificamente, da metafunção interpessoal. Mais uma vez é importante deixar clara a razão de tê-la escolhido para este trabalho. Por estudar a oração como troca, ou seja, como fruto da interação social, acredito que a Teoria da Valoração poderá trazer importante contribuição para minha pesquisa no tocante à análise das trocas entre os participantes no fórum de discussão *online*. Por exemplo, uma análise de dados com base nesta teoria poderá ajudar na caracterização das relações entre professor – aluno com relação à simetria ou assimetria.

Começo o capítulo com uma contextualização da teoria. Em seguida, introduzo o conceito do tripé apoiador da teoria, composto por posicionamento de atitude, dialógico e intertextual. Finalmente, termino o capítulo com uma aplicação da teoria em um texto em português, como exemplificação de sua aplicabilidade a diversas línguas, embora a maioria dos trabalhos existentes no momento encontra-se em inglês. Acredito que esta seja uma contribuição a mais para leitores desta tese que pretendam trabalhar com textos em português.

Vale salientar que esta teoria ainda é, historicamente, muito recente, se comparada com outras teorias lingüísticas, tais como a LSF, por exemplo. Como uma ramificação da LSF, a Teoria da Valoração surge a partir da publicação de um artigo por Martin (2000) chamado “*Beyond Exchange*” (Além da Troca), onde, já no título, o autor demonstra a ligação entre esta teoria e os conceitos apresentados por Halliday em sua publicação “*An Introduction to Functional Grammar*”. Neste livro, o capítulo onde se trata da metafunção interpessoal é intitulado “*Clause as Exchange*” (Oração

além da troca). Martin (2000) , no seu artigo, procura mostrar que vai além do que foi apresentado por Halliday com o título “*Beyond Exchange*”.

Os conceitos desta teoria ainda estão amadurecendo de acordo com as descobertas. Desde o início deste trabalho, vários pontos desta teoria já foram aprofundados. No presente capítulo, procuro trazer uma visão bem recente dos preceitos teóricos.

#### **4.1 Contextualização**

Surgindo como uma ramificação da LSF, principalmente tendo em vista a oração como troca, a Teoria da Valoração pode ser vista como uma abordagem de análise textual pela qual se busca identificar o posicionamento pessoal do autor, seja este explícito, implícito ou pressuposto. Desta forma, a valoração relaciona-se a quem é capaz de expressar sentimentos e quem não consegue; que tipo de sentimentos são expressos; em que intensidade; e o quão explícitas suas fontes são (Martin e White, 2005: 30). Em outras palavras, a partir do vasto leque de opções que o sistema lingüístico oferece, cada pessoa faz suas escolhas motivadas por significado e intenção.

Tais escolhas revelam, muitas vezes, muito mais do que se pensa, o que leva a crer que não haja enunciado neutro, ou seja, sem algum tipo de posicionamento de valor. Cabe salientar que, por vezes, estes posicionamentos podem não estar explícitos. Segundo Stubbs (In Coulmas , 1997: 372):

There is a wide spread consensus that language is never neutral and texts are never innocent. Things can always be formulated differently, any linguistic expression of ‘the facts’ selects some aspects of reality, and all selections are ideological. Such

choices are not usually explicit, and are often denied (because they express group interests)<sup>33</sup>.

É possível, então, resgatar orientações ideológicas, por exemplo, no discurso jornalístico, frequentemente considerado como uma leitura imparcial dos acontecimentos mundiais. Martin (2000) argumenta que, em função dos contextos de situação e cultura, e tendo em vista a concepção de gêneros discursivos, certos significados podem ser antecipados, se o ouvinte/leitor estiver familiarizado com a configuração contextual e o gênero discursivo em questão. Ainda assim, o falante/escritor tem uma vasta opção de escolhas lingüísticas à sua disposição dependendo de sua intenção e posicionamento ideológico.

A Teoria da Valoração, segundo White (2005), apóia-se sobre um tripé conceitual, a saber: posicionamento de atitude; posicionamento dialógico; e posicionamento intertextual. O primeiro lado do tripé - posicionamento de atitude - diz respeito a atitudes que podem ser expressas em textos. Tais atitudes podem ser relacionadas a emoções, conceitos éticos ou aspectos estéticos. O segundo lado do tripé - posicionamento dialógico - está relacionado ao conceito bakhtiniano de polifonia. Amorim (2001, 131) explica tal conceito como *“um princípio de representação, isto é, ele concerne o modo pelo qual o autor representa a presença de um outro discurso em seu próprio discurso”*. Finalmente, o terceiro lado do tripé conceitual - posicionamento intertextual - versa sobre o fato de um autor poder representar, dentro de seu texto, as palavras ou os pensamentos de um outro texto ou autor.

Martin (2000) também chama atenção para certos aspectos determinantes para a Teoria da Valoração. Por exemplo, o fato de vermos a nossa realidade pelo prisma da dualidade positivo/negativo influencia uma análise, ou seja, de modo geral avaliamos algo em um contínuo com dois extremos opostos: positivo e negativo. Assim sendo, uma pessoa é boa ou má, bonita ou feia, está feliz ou infeliz, etc. O mesmo autor ressalta a importância de sabermos distinguir entre elementos avaliadores explícitos e implícitos. De tal modo, apesar de, certas vezes, elementos

---

<sup>33</sup> Há um forte consenso que a linguagem nunca é neutra e textos nunca são inocentes. As coisas sempre podem ser formuladas de forma diferente, qualquer expressão lingüística de um fato seleciona alguns aspectos da realidade, e todas as escolhas são ideológicas. Tais escolhas não são de modo geral explícitas, e são freqüentemente negadas (visto que representam interesses de grupos).

mais comumente ligados à avaliação (como adjetivos, por exemplo) não estarem presentes em um texto, não significa que um posicionamento de valor não esteja sendo feito. Ao contrário, ele salienta a existência de avaliação não explícita, feita através de ‘tokens’ (marcas): elementos normalmente não associados a uma avaliação, que assumem tal papel em função da intencionalidade do falante/escritor associada à interpretação do ouvinte/leitor.

Cabe chamar atenção para a importância do contexto para esta teoria, visto que um mesmo elemento poderia representar posicionamentos de valor completamente diferentes dependendo do contexto, como salientam os Martin e White (2005:52).

When it comes to language use in context, it is often the case that a given lexical item will vary its attitudinal meaning according to that context.<sup>34</sup>

Por exemplo, o termo ‘*mãe de família*’ tão freqüentemente usado em nossa sociedade para se referir a uma mulher, geralmente casada, com filhos, pode ser usado como uma forma de julgamento de comportamento social. Imagine-se que esta mulher cometeu um crime, seu advogado poderá durante o julgamento usar o termo ‘*mãe de família*’ para tentar projetar no júri uma estima social positiva em relação à ré. *Um ato de desespero desta mãe de família*. Com este enunciado, o advogado busca, junto ao júri, um posicionamento solidário à sua cliente. Por outro lado, seria possível ter o mesmo termo sendo usado pelo advogado de acusação com intenção contrária, isto é, procurando atingir um sentimento de estima social negativa. *Que vergonha! E pensar que se trata de uma mãe de família*.

Em ambos os casos, os advogados apelam para conceitos sociais bem delimitados na sociedade em questão. No primeiro caso, mães de família são pessoas de confiança e capazes de criar seus filhos, já no segundo caso, mães de família não podem estar envolvidas em escândalos, visto que precisam dar o exemplo de comportamento social ideal para seus filhos. Importante também é ressaltar que ‘*mãe de família*’ trata-se de uma avaliação implícita, visto que não há nenhum indício aparente nesta locução nominal que traduza a idéia de avaliação; esta somente se faz

---

<sup>34</sup> Quando se trata de linguagem em contexto, é comum um item lexical variar seu significado de valor de acordo com o contexto dado.

presente por um somatório de pistas contextuais, como, por exemplo, *'desespero'* e *'que vergonha'* que, associados à *'mãe de família'*, evocam respectivamente uma atitude de solidariedade ou reprovação por parte do ouvinte/leitor.

Ainda exemplificando a importância do contexto de situação e de cultura para a Teoria da Valoração, passo a uma manchete de jornal retirada da Internet: *Houston, another problem: Pettitte on DL again.*<sup>35</sup> A partir desta manchete de notícia, se o leitor se interessar, clicará em um link que o levará à notícia completa. A princípio, o significado desta manchete pode parecer bastante obscuro, contudo é possível fazer inferências de significado tomando como partida noções advindas do contexto de cultura e situação. Por exemplo, o início da manchete *'Houston, another problem'* mostra uma referência intertextual à frase que ficou internacionalmente conhecida *Okay, Houston, we've had a problem here*, dita por John Swigert, parte da tripulação do *Apollo 13*, ao se comunicar com a base na Terra (NASA) em Houston para reportar um problema técnico. A mesma frase foi usada mais tarde no filme *Apollo 13* em 1995. Assim, através desse conhecimento compartilhado, não somente por americanos, mas por leitores em todo o mundo, podemos inferir que a notícia é sobre algo que não saiu como planejado.

Vale salientar que, por intertextualidade, entende-se a propriedade - de ser como outros textos afins - atribuída a um texto pelos ouvintes/leitores. Dito de outra forma, além das semelhanças nas convenções léxico-gramaticais de textos afins, Fairclough (1992: 84) defende outra forma de ver intertextualidade.

the property texts have of being full of snatches of other texts, which may be explicitly demarcated or merged in, and which the text may assimilate, contradict, echo and so forth.<sup>36</sup>

De tal forma, textos fazem parte de uma rede de comunicação onde um texto repete ou faz referência a um texto anterior e/ou pode ser de alguma forma lembrado em um texto posterior, de maneira explícita ou implícita.

---

<sup>35</sup> Houston, um outro problema: Pettitte fora de novo.

<sup>36</sup> A propriedade que textos têm de serem cheios de pedaços de outros textos, que podem ser explicitamente demarcados ou mesclados com o texto e o texto pode assimilá-los, contradizê-los, ecoá-los e assim por diante.

Apesar da referência intertextual mencionada acima, a notícia ainda continuaria ‘cifrada’, a menos que o leitor tivesse conhecimento situacional, neste caso incluindo um dos parâmetros do contexto de situação – ‘campo’. Trata-se de uma notícia de esportes onde a abreviatura DL (‘disabled list’ = lista dos machucados) exemplifica o jargão deste campo, compartilhado pelos membros da comunidade discursiva ‘fãs de esportes’. Mais ainda, um fã de basebol nos Estados Unidos provavelmente teria reconhecido o nome do jogador machucado (Pettitte) e a referência ao time onde joga (Houston Astros). Assim, compartilhando o conhecimento de contexto de cultura e situação, o leitor poderia ter feito previsões sobre a notícia a partir da própria manchete.

Acredito ser importante relacionar o conceito de intertextualidade com o de dialogismo, para melhor entender a Teoria da Valoração. Para tal, é essencial levar em consideração o contexto de cultura e/ou a interpretação do ouvinte/leitor. Amorim (2001, 133) aborda essa questão ao explicar a relação entre o conceito de polifonia de Bakhtin e a interpretação do ouvinte/leitor: “*A pluralidade de contextos de enunciação habita assim cada texto e suas vozes serão tanto mais audíveis quanto o permita a memória discursiva do leitor.*” Dito de outra forma, cada texto pode conter várias vozes, resultado de referências intertextuais e, do mesmo modo, encerrar diferentes possibilidades de interpretação dependendo das inferências intertextuais que cada ouvinte/leitor poderá fazer a partir de seu conhecimento de mundo prévio.

Por exemplo, ao se considerar a manchete do jornal inglês *The Times MICRO, MICRO ON THE WALL – Who’s the richest of them all?*<sup>37</sup>, torna-se claro que a intertextualidade está ligada tanto ao contexto de cultura como à interpretação do ouvinte/leitor. Primeiramente, para que um leitor reconheça o elemento que liga este texto a um outro anterior, é necessário que ele compartilhe do contexto de cultura de onde a notícia de jornal foi criada, ou seja, o leitor necessita ser capaz de associar esta manchete de jornal a um outro texto anterior, a saber: à fala da madrasta da Branca de Neve – “*Mirror, mirror on the wall, who’s the fairest of them all?*”<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> Micro, micro meu, existe alguém mais rico do que eu? (Note que esta tradução já foi adaptada para a versão em português da fala da madrasta da Branca de Neve, que pode ser vista na nota 41.)

<sup>38</sup> Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?

Por conseguinte, talvez um falante nativo de português pudesse entender o significado literal de cada palavra na manchete acima, mas perdesse o seu valor apelativo, conseguido através da voz da madrasta da Branca de Neve. A ironia da comparação de Bill Gates à madrasta má carrega a identidade de Bill Gates com toda a conotação negativa associada à personagem infantil. Fairclough (1992: 123) coloca que a ironia depende de o interlocutor ser capaz de reconhecer que o significado do texto citado não equivale ao significado do texto do autor. Em outras palavras, mais uma vez aponta-se para a importância da interpretação do ouvinte/leitor na negociação de significado. Ao escrever a manchete de jornal, então, o autor fez certas escolhas lingüísticas tendo certa audiência em mente – os leitores do jornal britânico *The Times*.

Por conseqüência, o sucesso da intencionalidade do autor depende da aceitação ou interpretação do ouvinte/leitor. Bell (1991: 212) traz luz a essa questão quando coloca a idéia de que cada texto pode ser visto como dois: um do autor e outro do receptor. Ele coloca que há sempre dois textos: o texto do escritor e o texto do leitor. Esse posicionamento está de acordo com a visão de White (mencionado no capítulo 3) ao considerar a interpretação do ouvinte/leitor como a quarta dimensão do processo de instanciação do sistema lingüístico. Para que não haja confusão, Neubert e Shreve (1992: 73) ressaltam que aceitação ou interpretação não implica necessariamente que o interlocutor acredite no conteúdo do texto, mas ele precisa ser capaz de identificá-lo. Em outras palavras, o autor e sua audiência estão engajados em um processo dinâmico de negociação de significados, onde o leitor/ouvinte pode ou não ter a mesma interpretação do texto que o autor pretendia ao produzi-lo.

Outro aspecto fundamental para o entendimento da Teoria da Valoração é o fato de não se poder analisar de forma isolada as palavras usadas em avaliações dentro de um texto. O objeto de estudo dessa teoria não é a palavra solta, mas o texto como um todo (White, 2005). Na realidade, ao criar um texto, o autor cria uma estrutura lógica que ‘amarra’ todas as proposições tendo como base suas pressuposições sobre o leitor/ouvinte, contudo, nem todo leitor/ouvinte vai corresponder a estas expectativas.

De fato, como observado por Fairclough (1992:136), alguns leitores/ouvintes podem ter uma interpretação diferente da expectativa do autor e tal fato pode ser explicado em função de toda a experiência de vida e orientação ideológica que cada leitor/ouvinte traz junto de si na hora de negociar significado com um texto.

... not all interpreters are compliant: some are to a greater or lesser extent, and more or less explicitly, resistant. Interpreters are, of course, more than discourse subjects in particular discourse processes; they are also social subjects with particular accumulated social experiences, and with resources variously oriented to the multiple dimensions of social life, and these variables affect the ways they go about interpreting particular texts. (Fairclough 1992:136)<sup>39</sup>

Assim sendo, a manutenção ou reprodução da estrutura social pode ser evidenciada nessa teoria através da representação dos sujeitos sociais sugerindo ao leitor/ouvinte uma atitude de aceitação ou reprovação, assim legitimando ou não a posição social representada por este sujeito social (White, 2005).

Para criar uma estrutura lógica no texto, o autor faz uso de coesão textual, que pode ser identificada ao nível das orações. Trata-se de estratégias lingüísticas para ligar não somente palavras, mas proposições e, até mesmo, ideologias contidas em um texto. Halliday e Hasan (1976) definem 5 mecanismos de coesão textual, a saber: referência, substituição, elipse, conjunção e redes lexicais. Talvez o mecanismo de coesão mais significativo para a Teoria de Valoração seja o fenômeno das redes lexicais. Segundo Hatch (1992: 226), essas cadeias podem ser curtas ou longas se estendendo por partes curtas ou longas do texto.

A grande importância das cadeias lexicais para a Teoria de Valoração pode ser explicada pelas palavras de Thompson (2004: 75) ao salientar que posicionamentos de valor estão mais associados a escolhas lexicais do que gramaticais:

... much of appraisal is expressed by lexical choices and there are few grammatical structures that can be seen as having evolved with a primarily evaluative function.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> ... nem todos os intérpretes são complacentes: alguns são, de forma mais ou menos explícita, resistentes. Intérpretes são mais do que sujeitos discursivos em processos discursivos em particular; eles também são sujeitos sociais com um background de experiências sociais e com recursos voltados para múltiplas dimensões da vida social e estas variáveis afetam as formas como eles interpretam textos.

<sup>40</sup> ... boa parte da valoração é expressa por meio de escolhas lexicais e existem poucas estruturas gramaticais que parecem ter assumido primordialmente um significado de valoração.

Halliday chama essas cadeias de ‘viés contínuo’ que dá um colorido especial e também aponta para a importância do valor acumulativo dos itens na cadeia lexical. Essa visão de Halliday é citada por Martin e White (2005):

Interpersonal meanings cannot easily be expressed as configurations of discrete elements ... The essence of the meaning potential of this part of the semantic system is that most of the options are associated with the act of meaning as a whole ... this interpersonal meaning ... is strung throughout the clause as a continuous motif or colouring ... the effect is cumulative.<sup>41</sup>

Em outras palavras, o texto, que é a unidade mínima de análise, pode ser visto como uma colcha de retalhos<sup>42</sup>, onde cada pedacinho de pano representa uma escolha lexical ou gramatical. Quando vários pedacinhos de pano com escolhas lexicais se juntam, eles formam cadeias lexicais que sustentam boa parte do significado interpessoal em um texto. O visual final bonito da colcha pode ser comparado ao significado interpessoal, ou seja, o resultado do acúmulo das cadeias lexicais.

## 4.2 Posicionamento de atitude

...exploring, describing and explaining the way language is used to evaluate, to adopt stances, to construct textual personas and to manage interpersonal positionings and relationships. (White, 2005)<sup>43</sup>

Para apresentar o primeiro braço do tripé de sustentação da Teoria da Valoração, recorro à conceituação geral dos preceitos teóricos feita por White (ibid), que mostra

<sup>41</sup> Significados interpessoais não podem ser expressos facilmente como configurações de elementos separados... A essência da questão de significado potencial referente ao sistema semântico está ligada ao fato de a maior parte das opções estarem associadas ao significado como um todo... este significado interpessoal... é percebido no todo da oração como um viés contínuo ou um colorido especial... o efeito é, portanto, acumulativo.

<sup>42</sup> Cabe apontar aqui para a escolha pela comparação com uma colcha de retalhos não visa qualquer conotação negativa. Ao contrário, eu aprecio muito uma bonita colcha de retalhos.

<sup>43</sup> ... explorando, descrevendo e explicando a forma como a língua é usada para avaliar, tomar posicionamentos, construir ‘personas’ (identidades) textuais e gerenciar posicionamentos interpessoais e relacionamentos interpessoais.

tratar-se de uma abordagem de análise textual. Assim, esse tipo de abordagem de análise textual explora como atitudes são expressas em textos para construir identidades textuais e gerenciar posicionamentos interpessoais de forma mais ou menos clara.

Segundo a teoria da valoração, são identificados 3 parâmetros de valoração de atitude: **afeto**, **julgamento** e **apreciação**, respectivamente relacionados a emoções, posicionamento ético e conceito estético. Ao se pensar em escolhas lexicais para veicular valoração, talvez a possibilidade mais comum seja o uso de adjetivos (*‘livro bom’*; *‘livro ruim’*), ou, até mesmo, verbos (*‘gosto de chocolate’*; *‘odeio matemática’*). Não obstante, a teoria vai mostrar que esses são apenas exemplos das muitas formas de se fazer um posicionamento de valor. O falante/escritor tem um leque muito maior e menos óbvio de possibilidades, principalmente considerando-se as avaliações implícitas e pressupostas, como visto anteriormente (*‘mãe de família’*). Os três parâmetros de posicionamento de atitude serão discutidos em detalhe mais adiante, mas já podem ser vistos de forma resumida no quadro resumo na Figura 4.1 a seguir.

PARÂMETROS DE POSICIONAMENTO DE ATITUDE			
TIPOS	CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	SUB-CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	COMO IDENTIFICAR
<b>AFETO (positivo ou negativo)</b>	felicidade/infelicidade segurança/insegurança satisfação/insatisfação		
<b>JULGAMENTO (positivo ou negativo)</b>	estima social	normalidade	Ele/Ela é especial?
		capacidade	Ele/Ela é capaz?
		tenacidade	Ele/Ela é de confiança?
	aprovação social	veracidade	Ele/Ela é sincero/a?
	propriedade	Ele/Ela é correto/a?	
<b>APRECIÇÃO (positivo ou negativo)</b>	reação	impacto	Predeu minha atenção?
		qualidade	Eu gostei?
	composição/redação	equilíbrio	Fez sentido?
		complexidade	Foi difícil acompanhar?
valor		Valeu a pena?	

Figura 4.1 – Quadro resumo dos parâmetros de posicionamento de atitude (Adaptado de White, 2005.)

Com relação ao posicionamento de atitude, White (2005) defende que essa teoria visa ao estudo de enunciados que possam ser interpretados como indicadores de que uma pessoa, objeto, situação ou evento está sendo avaliado de forma positiva ou negativa. Cabe enfatizar que, apesar de palavras isoladas poderem carregar em si uma avaliação de atitude, é o somatório delas que vai estabelecer o posicionamento de atitude. De fato, White (2005) considera um enunciado - uma proposição ou proposta completa - como a unidade mínima de análise textual nesta teoria a nível micro, enquanto considera o texto como um todo para a macro-análise. Igualmente, como apontado anteriormente, o posicionamento de atitude pode aparecer em formas lingüísticas diferentes e de forma mais ou menos explícita. No caso de posicionamento de atitude implícito, o autor aponta para a necessidade de este ser considerado apenas como um posicionamento de atitude em potencial, uma vez que só se concretiza mediante a interpretação do ouvinte/leitor e, como tal, dependerá do posicionamento ideológico e contexto de situação e cultura do mesmo.

#### 4.2.1 Afeto

O primeiro tipo de posicionamento de atitude apontado pela teoria é o **afeto**, que está diretamente ligado às emoções do autor do enunciado. Esse tipo de avaliação mostra o quão emocionalmente envolvido o autor está com a pessoa, o objeto, a situação ou evento mencionado no enunciado. Em outras palavras, são respostas emocionais positivas ou negativas do autor do enunciado que estarão sendo estudadas. Como apontado na Figura 4.1 acima, o parâmetro **afeto** classifica-se em três categorias, a saber: felicidade/infelicidade; segurança/insegurança; e satisfação/insatisfação. Tais categorias podem ser representadas ao nível lexical por adjetivos, verbos, advérbios e nominalizações. Portanto, segundo Martin e White (2005: 46), pode-se pensar em afeto como qualidade (descrevendo participantes;

atribuído a participantes; o modo como um processo se desenrola), afeto como processo (verbo que indique processo mental ou comportamental), afeto como comentário (adjunto modal) e metáforas interpessoais (nominalizações de qualidades ou processos).

Os mesmos autores (ibid: 46–52) apontam para outros fatores classificatórios para afeto. Primeiramente, a classificação sócio-cultural sobre o sentimento descrito em positivo ou negativo, ou seja, *'feliz'* (positivo) e *'triste'* (negativo). Em segundo lugar, é necessário pensar se o sentimento é realizado através de comportamentos (processos comportamentais – *'sorrir'*, *'chorar'*) ou manifestações internas (processos mentais ou relacionais – *'Ele gosta de chocolate'*, ou *'Mariana é bonita'*).

Há um outro fator relacionado a uma gradação dos sentimentos quanto à sua intensidade. Assim, sentimentos podem ser lexicalizados em diferentes formas em três graus de intensidade: baixo (*'filme bom'*), médio (*'filme muito bom'*) e alto (*'filme excelente'*).

Finalmente, há um último fator que aponta para uma classificação dos sentimentos em três grupos, a saber: felicidade/infelicidade; segurança/insegurança; e satisfação/insatisfação. A Figura 4.2 abaixo traz um quadro resumo desses fatores classificatórios de afeto.

FATORES CLASSIFICATÓRIOS PARA AFETO		
FATOR	ESPECIFICAÇÃO	EXEMPLOS
Classificação sócio cultural do sentimento.	positiva	feliz
	negativa	triste
Forma como o sentimento é realizado.	comportamentos	chorar, sorrir
	manifestações internas	Ele gosta de chocolate. (processo mental)
		Mariana é bonita. (processo relacional)
relacionais	Mariana (emoter) é bonita (trigger).	
Gradação de sentimentos.	baixo	filme bom
	médio	filme muito bom
	alto	filme excelente
Classificação de sentimentos em 3 grupos.	felicidade/infelicidade	Meu marido está super feliz com a chegada do bebê.
	segurança/insegurança	Passar de ano ainda não está bem certo, mãe, desculpe.
	satisfação/insatisfação	Esta redação pode ficar melhor.

Figura 4.2 – Quadro resumo dos fatores classificatórios de afeto

Além disso, o posicionamento de atitude em relação a afeto pode ser classificado em autoral ou não-autoral, dependendo do grau de responsabilidade que o autor do enunciado assume em relação à mensagem. Através de uma avaliação de afeto autoral, o falante/escritor coloca em primeiro plano sua presença subjetiva no processo comunicativo. O efeito retórico deste tipo de avaliação é apontado por White (2005):

By appraising events in such emotional/affectual terms, the speaker/writer invites her audience to share that emotional response, or at least to see that response as appropriate and well motivated, or at least as understandable. When that invitation is accepted, then, solidarity or sympathy between speaker and listener will be enhanced. Once such an empathetic connection has been established, then there is the possibility that the listener will be more open to the broader ideological aspects of the speaker's position.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> Ao avaliar eventos de forma tão emocional/afetiva, o falante/escritor convida sua audiência a compartilhar uma resposta igualmente emotiva, ou, pelo menos, considerar esta forma de resposta como adequada e motivada, ou, pelo menos, compreensível. Quando este convite for aceito, então, haverá uma melhoria na solidariedade ou empatia entre falante e ouvinte. Uma vez que se estabeleça uma relação de empatia, então haverá possibilidade de o ouvinte se abrir mais à visão ideológica colocada pelo posicionamento do falante.

Em outras palavras, através de um posicionamento de valor autoral de afeto, o falante/escritor estabelece um vínculo interpessoal com o ouvinte/leitor, induzindo-o a adotar um posicionamento de atitude de cumplicidade com o posicionamento do falante/escritor. Já com a avaliação de afeto não-autoral, o falante/escritor não assume responsabilidade de forma explícita pela valoração, pelo menos não de forma direta, nem tampouco pela indução de posicionamento do ouvinte/leitor. Muitas vezes, a responsabilidade é atribuída a uma fonte externa, conforme explicado no quadro resumo de posicionamento autoral e não-autoral na Figura 4.3 a seguir.

POSICIONAMENTO DE ATITUDE (AFETO)	autoral	Autor assume vínculo interpessoal de cumplicidade com o ouvinte/leitor ao tomar a responsabilidade do posicionamento para si. ( <i>Felizmente, ela nunca precisará saber toda a verdade.</i> )
	não-autoral	Autor não assume a responsabilidade direta pelo posicionamento feito, portanto, há uma maior liberdade na negociação de significado por parte do ouvinte/leitor. ( <i>O presidente declarou: "O crescimento do país superou as expectativas."</i> )

Figura 4.3 – Quadro resumo de posicionamento autoral e não autoral

Para melhor ilustrar a questão de posicionamento autoral e não autoral, é pertinente retomar um exemplo dado no capítulo anterior, que traz um posicionamento autoral. Parece claro, no *Exemplo 8* a seguir, o posicionamento autoral de atitude pela escolha lingüística dos advérbios '*felizmente*' e '*nunca*', que traduzem, de forma explícita, a opinião do autor e buscam uma cumplicidade de posicionamento junto ao ouvinte/leitor.

*Exemplo 8:*

Felizmente,	ela	nunca	precisará	saber	toda a verdade.
Adjunto de Comentário	Sujeito	Adjunto de Modo	Finito (modalidade e tempo)	Predicador	Complemento

Na realidade, uma análise mais detalhada do *Exemplo 8* acima, também poderá evidenciar a relação entre importantes conceitos da Teoria da Valoração e LSF. A

metafunção interpessoal pode ser identificada no posicionamento de atitude, através dos Adjuntos de Modo (modalidade) e Adjunto de Comentário, que encerram significado interpessoal e, por consequência, posicionamento de atitude. Principalmente os Adjuntos de Comentário trazem em si um posicionamento explícito, no caso de *'felizmente'* - afeto/alegria/positivo. Igualmente, também o Adjunto de Modo *'nunca'*, traduz de forma explícita a modalização com polaridade negativa extrema, buscando uma cumplicidade de posicionamento junto ao ouvinte/leitor com pouco ou quase nenhum espaço para questionamento.

Por outro lado, quando se pensa em posicionamento não-autoral, é comum a atribuição (por parte do autor) de sua atitude a uma fonte externa. A busca por cumplicidade de posicionamento junto ao ouvinte/leitor deverá ser mais ou menos eficaz dependendo de quão confiável a fonte for. Em outras palavras, o efeito retórico de transferir o posicionamento de atitude para uma fonte externa, visando conseguir solidariedade do leitor sem muito envolvimento, depende da confiabilidade atribuída à fonte externa. Tal efeito retórico é resultado de uma hábil construção discursiva feita pelo autor. O *Exemplo 9*, a seguir, retirado do Anexo 2, pode ser uma boa ilustração dos pontos mencionados acima.

*Exemplo 9:*

Porém, grupos pacifistas, ecológicos e governos que discordam das práticas da entidade lamentaram a decisão da Comissão do Prêmio Nobel.

O enunciado demonstra um posicionamento de atitude de afeto negativo e pode ser identificado pelo uso dos verbos *'discordar'* e *'lamentar'*. Quanto à questão de posicionamento autoral, percebe-se que o autor não assume responsabilidade pelo posicionamento negativo, mas também não deixa totalmente claro quem está lamentando: o próprio autor ou a fonte externa mencionada (*grupos pacifistas, ecológicos e governos que discordam das práticas da entidade*). Trata-se de um bom exemplo de posicionamento não-autoral. Como dito anteriormente, o grau de solidariedade conseguido junto ao leitor depende de como a fonte externa é

construída discursivamente no texto. Neste caso, as fontes externas mencionadas são retratadas de forma genérica e não-específica, o que inspira a um grau pequeno de solidariedade.

O *Exemplo 10*, a seguir, mostra alguns dos muitos casos de posicionamento de atitude não-autoral com atribuição a fontes externas presentes no texto do Anexo 2. As fontes externas foram colocadas em negrito para uma identificação mais rápida.

*Exemplo 10:*

<b>O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan</b> — ele próprio vencedor do Nobel da Paz de 2001 junto com a ONU — elogiou a escolha...
O presidente da França, <b>Jacques Chirac</b> , disse ter ficado encantado com o anúncio da premiação.
<b>O governo americano</b> disse ter gostado da escolha de ElBaradei, ...

#### 4.2.2 Julgamento

O parâmetro ‘julgamento’ afasta-se da perspectiva do avaliador e passa à perspectiva do avaliado, isto é, trata das qualidades do fenômeno/pessoa/coisa sendo avaliado/a no âmbito das regras convencionais de certo ou errado de comportamento humano. De acordo com Martin e White (2005: 52), julgamentos podem ser classificados como estima social ou aprovação social. O primeiro caso – estima social – relaciona-se a questões de ‘normalidade’ (o quão comum/incomum alguém é); ‘capacidade’ (o quão capaz alguém é) e ‘tenacidade’ (o quão decidido alguém é). Já os julgamentos de aprovação social estão relacionados ao conceito de ‘verdade’ (o quão sincero alguém é) e ‘propriedade’ (o quão correto alguém é). A Figura 4.4, a seguir, resume como o parâmetro de julgamento pode ser classificado e identificado.

PARÂMETRO JULGAMENTO E SUA CLASSIFICAÇÃO		
CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	SUB-CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	COMO IDENTIFICAR
estima social	normalidade	Ele/Ela é especial?
	capacidade	Ele/Ela é capaz?
	tenacidade	Ele/Ela é de confiança?
aprovação social	veracidade	Ele/Ela é sincero/a?
	propriedade	Ele/Ela é correto/a?

Figura 4.4 – Quadro resumo do parâmetro julgamento (Adaptado de White, 2005.)

De forma bem-humorada, Martin e White (2005: 52-53) relacionam estima social e aprovação social:

Practising Catholics among our readership may recognise a shift from **social esteem** to **social sanction** comparable to that from venial to mortal sins. For the rest of us, it's perhaps more a question of who we turn for help – too much negative **esteem**, and we may need to visit a therapist; too much negative **sanction**, and we may need a lawyer to be called in.<sup>45</sup>

A citação anterior mostra que todas as categorias de classificação estão relacionadas a questões de ética, algumas mais sérias aos olhos da sociedade do que outras. Deste modo, estima social negativa parece ser menos séria, visto que a ajuda de uma analista parece poder resolver esse desvio social. Já uma aprovação social negativa parece ser bem mais séria, podendo ser comparada com um ato ilegal, e, portanto, necessita da intervenção de um advogado para defender o transgressor.

Cabe aqui reforçar a correlação entre LSF e Teoria da Valoração. Martin e White (2005, 54) chamam atenção para a forma como o trabalho de Halliday sobre Modo Oracional, modalidade e metáfora interpessoal (não estudada nesta pesquisa) são inter-relacionados com o conceito de valoração:

<sup>45</sup> Os nossos leitores que forem católicos praticantes poderão perceber a mudança entre **estima social** e **aprovação social** como uma comparação direta entre pecados leves e pecados capitais. Para o resto de nós, talvez trate-se apenas de uma opção a quem pedimos ajuda – **estima social** negativa demais, talvez tenhamos que visitar um terapeuta; **aprovação social** negativa demais, talvez tenhamos que recorrer a um advogado.

Beginning with propositions, we can construct a series of realisations for both probability, usuality and capacity which begins with congruent realisations and pushes through metaphorical ones towards lexis which is clearly appraisal in nature.<sup>46</sup>

Em outras palavras, o sistema lingüístico permite construções onde se podem identificar formas mais congruentes de modalidade, através da escolha por estruturas gramaticalmente associadas à probabilidade, habitualidade e capacidade. Por outro lado, também permite construções onde a modalidade assume formas lexicais mais metafóricas, mas essencialmente avaliativas.

Os autores (Martin e White, 2005: 55-56) procuram esclarecer mais o assunto. Cabe analisar sua afirmação a seguir:

Reasoning along these lines, we can position interpersonal grammar (mood and modality) and appraisal on a cline, with grammaticalised realisations at one end and lexicalised realisations at the other – and with Halliday’s modality metaphors construing meaning in between.<sup>47</sup>

Para entender melhor como tais instanciações podem ser identificadas, cabe apontar o conceito de valoração implícita, explícita e pressuposta, ou seja, a forma lexicalizada pode ser mais facilmente relacionada à valoração explícita, a forma gramaticalizada tenderá a aparecer como pressuposta por não ser explícita, mas trazer uma marca de valoração (elemento normalmente não associado a uma avaliação que assume tal papel em função da intencionalidade do falante/escritor associada à interpretação do ouvinte/leitor), enquanto a metáfora interpessoal deverá entrar no conceito de implícita, visto que a sua interpretação como valoração dependerá da interpretação do ouvinte/leitor mais do que as outras duas formas que já trazem formas mais congruentes e, portanto, mais ligadas ao conceito de valoração na sua essência.

---

<sup>46</sup> Começando com proposições, podemos construir uma série de instanciações tanto para probabilidade, como para habitualidade ou capacidade que comecem com formas congruentes chegando até formas metafóricas passando por formas lexicais naturalmente voltadas para valoração em sua essência.

<sup>47</sup> Raciocinando desta forma, podemos posicionar gramática interpessoal (modo e modalidade) e valoração em um contínuo, com instanciações gramaticais de um lado e instanciações lexicais de outro – e com as metáforas interpessoais de Halliday no meio.

TIPO DE MODALIDADE	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FORMA LEXICALIZADA	SIGNIFICADO	TEORIA DA VALORAÇÃO
Modalização	probabilidade		provavelmente	É verdade?	aprovação social (veracidade)
	habitualidade		geralmente	É normal?	estima social (normalidade)
Modulação	obrigação		deve	É correto?	aprovação social (propriedade)
	disposição	inclinação	disposto a	É de confiança?	estima social (tenacidade)
		habilidade	capaz de	É capaz?	estima social (capacidade)

Figura 4.5 – Correlação entre a LSF (modalidade) e a Teoria da Valoração (julgamento). Adaptado de Martin e White (2005: 54)

A Figura 4.5, acima, foi desenvolvida a partir de um quadro explicativo de Martin e White (2005: 54) e visa ilustrar a correlação entre modalidade (modalização/modulação) e o parâmetro de julgamento da teoria da valoração (estima social/aprovação social). Por exemplo, o verbo modal ‘dever’ é uma forma gramatical reconhecida de modalização (probabilidade). Assim, ao se dizer *A neurocisticercose deve ser a principal responsável pela elevada prevalência de epilepsia no Brasil*, percebe-se a modalização, que não traz certeza total da mensagem. Ao se passar para uma estrutura lexicalizada, a modalização assume uma carga avaliatória de julgamento bem mais explícita, como se pode ver na frase *A neurocisticercose é, muito provavelmente, a principal responsável pela elevada prevalência de epilepsia no Brasil*.

A Figura 4.6 <sup>48</sup>, abaixo, ilustra a relação entre a LSF e Teoria da Valoração, através de formas de modalidade lexicalizadas metaforicamente como avaliações de julgamento. As formas lexicais estão marcadas com negrito e sua classificação é dada segundo as duas perspectivas, ou seja, LSF e Teoria da Valoração.

<sup>48</sup> Exemplos retirados da Internet com auxílio da ferramenta de busca ‘Google’.

EXEMPLO	LSF	TEORIA DA VALORAÇÃO
<b>Geralmente</b> , a rede Habib's coloca uma faixa em frente às unidades chamando candidatos ao emprego.	modalização (habitualidade)	estima social (normalidade)
Você está <b>disposto a</b> tratar pacientes com AIDS?	modulação (disposição/inclinação)	estima social (tenacidade)
Enquanto tal, sua marca seria a grande sensibilidade política <b>capaz de</b> conquistar a simpatia e, sobretudo, o apoio popular.	modulação (disposição/habilidade)	estima social (capacidade)

Figura 4.6 – Relação entre a LSF (modalidade) e a Teoria da Valoração (julgamento).

É importante lembrar aqui que, assim como as avaliações de afeto, as avaliações de julgamento também podem ser feitas de maneira mais ou menos explícita, dependendo da vontade de o autor se aproximar ou se distanciar da avaliação. Segundo White, uma forma interessante de passar um julgamento, é a avaliação de julgamento pressuposto, isto é, sugerida ao ouvinte/leitor em vez de abertamente colocada no texto pelo autor. Neste caso, têm-se as chamadas ‘tokens of judgement’ (marcas de julgamento) que podem ser definidas simplesmente como fatos: *“aparentes descrições imparciais de eventos, fatos, estados ou relacionamentos”* (White, 2005: 54). É importante perceber que, dentro de cada cultura e dependendo da orientação ideológica e/ou posição social do leitor/ouvinte, essas descrições ‘inofensivas e imparciais’ de fatos, sem qualquer marca aparente de posicionamento de valor, podem desencadear associações que levam a um julgamento por parte do leitor/ouvinte.

### 4.2.3 Apreciação

Finalmente, com o último parâmetro de posicionamento de atitude na teoria da valoração, ‘apreciação’, mais uma vez a atenção se volta para o objeto da avaliação e não para o avaliador. Desta vez, não se trata de julgamento de comportamento social, mas apreciação da forma, estética, impacto e apresentação do objeto sendo avaliado. Podem ser apreciados objetos, performances e fenômenos naturais. Martin e White (2005: 56-57) apontam três tipos de apreciação: reação (quando o objeto chama sua atenção, quando o objeto lhe agrada); composição (equilíbrio e complexidade do que está sendo apreciado); e valor (o quão inovador, autêntico o objeto parece). A Figura 4.7, a seguir, resume como o parâmetro de apreciação pode ser classificado e identificado.

PARÂMETRO APRECIÇÃO E SUA CLASSIFICAÇÃO		
CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	SUB-CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	COMO IDENTIFICAR
Reação	impacto	Prendeu minha atenção?
	qualidade	Eu gostei?
Composição/Redação	equilíbrio	Fez sentido?
	complexidade	Foi difícil acompanhar?
Valor		Valeu a pena?

Figura 4.7 – Quadro resumo do parâmetro apreciação (Adaptado de White, 2005.)

Mais uma vez, cabe apontar uma correlação entre a LSF e a Teoria da Valoração. Neste caso, uma relação direta entre as metafunções com os significados sugeridos pelos parâmetros de apreciação, a saber: reação (significado interpessoal), composição (significado textual) e valor (significado experiencial). As perguntas de identificação (Figura 4.7) deixam esta relação bem clara. Para ‘reação’, as perguntas ‘Prendeu minha atenção?’ e ‘Eu gostei?’ denotam significado interpessoal. As perguntas para ‘composição/redação’ – ‘Faz sentido?’ e ‘Foi difícil acompanhar?’ – mostram uma preocupação com a organização textual, isto é, o significado textual.

Finalmente, a pergunta para o parâmetro ‘valor’ – ‘Valeu a pena?’ – se relaciona à representação do mundo, ou seja, significado experiencial. A Figura 4.8 a seguir mostra um quadro resumo desta correlação entre os parâmetros de apreciação e as metafunções da LSF.

PARÂMETROS DE APRECIÇÃO	METAFUNÇÕES DA LSF
Reação	Significado interpessoal
Composição/Redação	Significado textual
Valor	Significado experiencial

Figura 4.8 – Quadro resumo da correlação entre apreciação e a LSF.

Por exemplo, a locução nominal ‘*crimes bárbaros*’ na frase *A atuação da polícia e os crimes bárbaros preocupam a população do Rio de Janeiro* pode ser interpretada como uma apreciação negativa de crimes (reação negativa de impacto). Pode-se identificar o significado interpessoal, ou seja, carregado de emoção, mas não fica claro quem está fazendo esta avaliação: o autor; uma terceira pessoa; a população do Rio.

De fato, segundo White (2005), pode-se dizer que ‘*crimes bárbaros*’ implica uma avaliação que exclui a figura do avaliador por completo, visto que a avaliação passa a ser vista como uma projeção do avaliador para o avaliado. Assim, ‘*bárbaros*’ passa a ser compreendido como uma característica intrínseca do objeto apreciado, ou seja, estes crimes são bárbaros, independente da vontade do autor ou do leitor. Para melhor entender esta noção, é preciso conceber ‘*crimes bárbaros*’ como uma metáfora interpessoal para a estrutura ‘*crimes são bárbaros*’. Ao abandonar a estrutura gramatical mais congruente de apreciação com processo relacional e atribuição (X é/são Y), a atribuição de valor feita pelo autor dá lugar a uma forma lexicalizada metafórica (locução nominal), onde a antiga atribuição passa a uma característica nominal do núcleo da locução.

Cabe enfatizar aqui a importância do parâmetro ‘reação’ para minha pesquisa, visto que ele encerra significado interpessoal. Este parâmetro pode ser identificado facilmente na primeira atividade *online* – Movie of My Life – no fórum de discussão, onde os filmes são avaliados seguindo os mesmos critérios sugeridos acima – ‘Prendeu minha atenção?’ e ‘Eu gostei?’, como pode ser visto no *Exemplo 11* a seguir.

*Exemplo 11:*

I agree indeed. Fried Green Tomatoes has **a surprising plot** as we are led into it by someone apart...

'The Lord of the rings' **appeals to me** as well, but I prefer the classic 'Fried Green Tomatoes'. **It's lovely!**

Even though it **pays clear homage to** Fernanda Torres and Fernanda Montenegro, **Casa de Areia** [...] is **worth seeing** due to its **gripping plot and narrative**. Somehow it reminded me of **Lost in Translation** [...], as both of them approach the feeling of being a foreigner.

I've watched "Lost in translation " and to be quite honest I wasn't so **impressed**.

I have to confess that I've **slept while watching** Lost in Translation... I was exhausted the day I watched it. I guess I should see it again soon! Lots of friends say good comments about it. I should have a second impression!

### 4.3 Posicionamento dialógico

A teoria da valoração leva em consideração o conceito de dialogismo de Bakhtin. Assim, é necessário pensar que o significado do enunciado, que é produzido em um contexto sócio-histórico e ideológico, não é extraído das palavras ou dos interlocutores, mas sim da interação entre estes participantes do discurso (Bakhtin, 1992). Para entender o que é definido pela teoria da valoração como posicionamento dialógico, é preciso considerar que em um texto, ou até mesmo em um enunciado é

possível identificar diferentes vozes. Por exemplo, pode-se imaginar a interação do enunciado com a figura de um ouvinte/leitor (mesmo que aparentemente ausente, no caso de um monólogo). Também é possível imaginar a interação do enunciado com outros enunciados produzidos anteriormente ou posteriormente. Ainda é possível considerar como uma forma de dialogismo a interação entre um enunciado e textos sobre o mesmo tema dentro de um contexto sócio-cultural (dialogismo intertextual).

De tal modo, é possível identificar a interação entre diferentes vozes em um texto, por exemplo: o autor, o interlocutor, fontes externas, etc. Cabe aqui destacar que a própria voz do autor (voz autoral, sempre presente) nem sempre se mostra de forma explícita. Ao contrário, muitas vezes ela não é bem-vinda em função do tipo de gênero discursivo em questão, como por exemplo, o discurso científico mais tradicional (onde não havia espaço para posicionamentos pessoais, somente fatos científicos) e o discurso jornalístico. Entretanto, ela pode ser identificada com certa frequência em função de certos recursos lingüísticos utilizados pelo falante/escritor, como, por exemplo, o recurso de gradação que será apresentado em detalhe adiante neste capítulo. Vale ressaltar que mesmo nesses dois tipos de discurso, é possível encontrar exemplos onde a voz do autor é claramente observada.

Como posicionamento dialógico, portanto, compreende-se a interação entre o autor de um enunciado com outros participantes do discurso (outras vozes), sejam eles os interlocutores, outras pessoas que já se pronunciaram sobre o mesmo assunto, etc. Este grau de interação entre o autor do enunciado em questão e os outros pode ter maior ou menor intensidade e é denominado de ‘envolvimento’ (engagement). A teoria da valoração vai se interessar em como este envolvimento é demonstrado lingüisticamente em textos. Ou nas próprias palavras de Martin e White (2005: 93):

we are interested in the degree to which speakers/writers acknowledge these prior speakers and in the ways in which they engage with them. [...] Thus we are interested in whether the value position is presented as one which can be taken for granted for this particular audience, as one which is in some way novel, problematic or contentious, or as one which is likely to be questioned, resisted or rejected.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Nós estamos interessados em saber até onde falantes/escritores dão crédito a falantes anteriores e de que forma eles se relacionam com os últimos. [...] Assim, estamos interessados em saber se o posicionamento de valor é apresentado como algo trivial ou como novidade, como problemático ou controverso, ou se parece que vai ser questionado, enfrentar oposição ou ser rejeitado.

Os autores, então, apontam que a partir da interação entre a voz autoral e as demais vozes, a mensagem pode ecoar posicionamentos de valor compartilhados para todos; trazer posicionamentos novos; rejeitar posicionamentos prévios; etc.

O posicionamento dialógico, portanto, é o segundo braço do tripé conceitual que apóia esta teoria. Através das trocas entre participantes do discurso, falantes/escritores conseguem negociar o poder de argumentação de seus enunciados (White, 2005). Mais uma vez, o parâmetro usado para medir a argumentação nesta teoria é o ‘envolvimento’, isto é, de que forma o autor veicula seu posicionamento de valor no texto, variando de forma mais implícita a mais explícita.

Essa argumentação pode ser representada lingüisticamente por diferentes recursos, tais como: mitigação, modalidade, projeção, etc. Martin e White (2005: 97-98) apontam tipos e subtipos de recursos lingüísticos identificados pela teoria da valoração como evidenciadores de ‘envolvimento’ em enunciados, ou seja, recursos lingüísticos que permitem que a voz do autor interaja com outras vozes e posicionamentos encontrados em um mesmo contexto comunicativo, dependendo da intenção do autor em assumir responsabilidade pelo posicionamento de valor sendo feito no texto ou atribuir esta responsabilidade a terceiros.

Desta forma, o posicionamento dialógico pode ser medido por dois parâmetros, a saber: expansão ou contração dialógica e vocalização externa ou interna. O primeiro parâmetro define o posicionamento de um recurso lingüístico no contínuo contração-expansão dialógica. Se o falante/escritor está abrindo a possibilidade de diálogo entre os participantes do discurso, trata-se de um exemplo de expansão dialógica. Por outro lado, se a voz textual parece excluir qualquer outra possibilidade de interpretação, percebe-se um caso extremo de contração dialógica. O segundo parâmetro, ou seja, a vocalização externa ou interna mede a quem o poder de argumentação de uma proposição ou proposta é atribuído: a uma fonte externa ou ao autor do enunciado respectivamente. A figura 4.9 abaixo traz um quadro resumo dos parâmetros de posicionamento dialógico, assim como uma explicação.

PARÂMETROS DE POSICIONAMENTO DIALÓGICO		EXPLICAÇÃO
EXPANSÃO DIÁLOGICA		Abrindo a possibilidade de diálogo entre os participantes do discurso.
CONTRAÇÃO DIÁLOGICA		Fechando a possibilidade de diálogo entre os participantes do discurso.
VOCALIZAÇÃO	INTERNA	Poder de argumentação atribuído a fontes internas.
	EXTERNA	Poder de argumentação atribuído a fontes externas.

Figura 4.9 – Quadro resumo dos parâmetros de posicionamento dialógico.

Assim, em um texto dialógico, a presença de outras vozes além da voz autoral é vista como uma característica enriquecedora, visto que *“a anulação do adversário [outra voz além da autoral] anula também a esfera dialógica que garante a vida da palavra. {...} é apenas uma forma fraca de dialogismo”* (Amorim, 2001: 140). Em outras palavras, quanto mais evidente for a presença de diferentes vozes em um texto, mais dialógico este é. White (2005) vê os recursos de ‘envolvimento’ como ferramentas dialógicas, uma vez que estes permitem ao falante/escritor engajar-se em uma negociação de posicionamento de valor de forma mais ou menos explícita com outras vozes/outros posicionamentos presentes no texto.

*Exemplo 12:*

[...] grupos pacifistas, ecológicos e governos que **discordam** das práticas da entidade **lamentaram** a decisão...

[...]a Casa Branca desde que a instituição afirmou que **não havia** produção de armas atômicas no Iraque ...

O governo americano disse ter gostado da escolha de ElBaradei, **mesmo após** ter tentado impedir... Mas **nem todos** gostaram da premiação da agência.

O governo iraniano oficialmente **não fez** comentários, mas fontes disseram que ...

O grupo ambientalista Greenpeace **criticou** o prêmio, dizendo [...]: **“Ainda que** ElBaradei tenha demonstrado sensatez...

O grupo japonês Hidankyo [...] também **não gostou**, pois considerava que ele próprio deveria ...

Alguns especialistas concordam que a ação da AIEA **não é pacifista**, pois ela **não pretende** acabar com as armas nucleares...

Outros afirmam que a entidade **não conseguiu** prever a atual crise iraniana, ...

Ainda, o mesmo autor (ibid) mostra-se mais uma vez fiel ao pensamento bakhtiniano ao apontar que enunciados que fazem uma asserção absoluta devem ser vistos como ‘monológicos’, já que impedem a oportunidade de negociação, de diálogo, de interação entre os participantes do discurso. Em outras palavras, eles evidenciam a presença de uma voz forte que anula a possibilidade de presença de outras. Tais enunciados são denominados, pelo autor como ‘*undialogised utterances*’ (enunciados não-dialógicos). Mesmo não se tratando de monólogos, os exemplos acima (*Exemplo 12*) ilustram posicionamentos não-dialógicos, uma vez que negam a possibilidade de negociação de significado entre escritor e leitor.

Cabe apontar para a existência de dois tipos de texto: heteroglóssico e monoglóssico. Um texto heteroglóssico é composto por vozes diferentes. Cabe lembrar que o conceito de voz corresponde à consciência presente nos enunciados e traz em si um julgamento de valor. Como visto anteriormente, a maior ou menor presença de vozes em um texto vai ser diretamente proporcional ao contínuo expansão-contração dialógica. Enquanto um texto heteroglóssico abre espaço para a presença de diferentes posicionamentos de valor, um texto monoglóssico reconhece apenas uma voz textual, não viabilizando opiniões diferentes. Como consequência, surge um conceito bastante importante para o posicionamento dialógico de um texto: solidariedade. Segundo Martin e White (2005: 96), solidariedade textual não se relaciona ao ato de concordar ou discordar de um posicionamento, mas na tolerância de opiniões que o falante/escritor constrói junto ao seu ouvinte/leitor. Acredito, portanto, que seja correto afirmar que o conceito de solidariedade está diretamente ligado à idéia de expansão dialógica.

#### 4.4 Recursos lingüísticos de gradação

Uma vez expostos os conceitos de posicionamento de atitude e dialógico, cabe esclarecer um conceito que engloba os dois casos, a saber: ‘graduation’ (gradação). Por gradação entende-se a existência de variação de graus nos valores de atitude e envolvimento. Gradação é dividida em duas sub-categorias: ‘foco’ e ‘força’. Sob a classificação de ‘foco’ constam construções lexicais que não têm relação aparente com valoração, geralmente com significados experienciais que podem vir a constituir uma valoração a partir de dois mecanismos: ‘sharpening’ (reforço) ou ‘softening’ (suavização). Por exemplo, a locução ‘*uma aventura*’ em si não traz nenhuma carga avaliativa, mas a locução ‘*uma verdadeira aventura*’ (*Viajar pela Varig agora é uma verdadeira aventura*) já carrega uma valoração de reforço a partir do uso de ‘*verdadeira*’. Por outro lado, vale observar a suavização causada por ‘*tipo*’ na locução ‘*tipo um namorado*’ acarretando uma valoração (*Não entendo muito bem, acho que ele é tipo um namorado dela*).

Passando a outra sub-categoria de gradação, ‘força’ inclui julgamento de grau de intensidade e quantidade. Também se realiza lingüisticamente mediante dois processos: ‘intensification’ (intensificação) e ‘quantification’ (quantificação). Enquanto o primeiro se aplica a qualidades e processos, o segundo se aplica a entidades. Por exemplo, ‘*muito contente*’ (intensificação/qualidade) e ‘*pequeno detalhe*’ (quantificação). Um quadro resumo dos recursos de gradação e sua classificação pode ser visto na Figura 4.10 a seguir.

RECURSOS DE GRADAÇÃO		
FOCO	REFORÇO	Viajar pela Varig agora é <b>uma verdadeira aventura</b> .
	SUAVIZAÇÃO	Não entendo muito bem, acho que ele é <b>tipo um namorado dela</b> .
FORÇA	INTENSIFICAÇÃO	Meu pai ficou <b>muito contente com</b> o resultado da prova.
	QUANTIFICAÇÃO	Preciso esclarecer um <b>pequeno detalhe</b> .

Figura 4.10 – Quadro resumo dos recursos de gradação e sua classificação.

## 4.5 Posicionamento intertextual

O terceiro e último braço do tripé conceitual da teoria da valoração - o posicionamento intertextual - é apontado como essencial na identificação de ‘textual personae’ (identidades textuais), isto é, na identificação das vozes em um texto. Trata-se então, segundo White (2005), de recursos lingüísticos usados por um falante/escritor para adotar um posicionamento próprio através das palavras e/ou pontos de vistas de terceiros. Desta forma, quando um falante/escritor opta por citar ou fazer referência a terceiros, dependendo de suas escolhas lingüísticas, esta citação ou referência poderá ou não ecoar a voz do autor, ou seja, ele poderá ou não compartilhar a responsabilidade pelo que está sendo dito (endossar ou não o que está sendo dito). Neste ponto, já se pode notar uma relação com os recursos de envolvimento apresentados anteriormente, o que contribui para lembrar um aspecto importante na teoria da valoração, assim como na LSF, isto é, o fato de todas as partes estarem correlacionadas. A separação, afirmo mais uma vez, acontece somente para facilitar o estudo.

Na realidade, a questão de posicionamento intertextual já pode ser considerada simplesmente a partir do fato de o falante/escritor achar relevante citar ou fazer referência à fala e/ou opinião de outra pessoa. Por conseguinte, mesmo sem analisar lingüisticamente como tal citação/referência é feita - com ou sem o endosso do falante/escritor - pode-se dizer que esta já revela um determinado posicionamento autoral. Também vale lembrar que a teoria da valoração é um ramo da LSF, onde se acredita que qualquer escolha lingüística a partir do leque de possibilidades do sistema é significativa e denota intencionalidade do autor, mesmo que aparentemente inconsciente.

Naturalmente, como mencionado acima, a visão de uma terceira pessoa representada em um texto pode assumir graus de importância diferentes de acordo com o endosso do autor. Por um lado, se o autor decidir endossar tal visão, de forma direta ou indireta, ele poderá representá-la para o ouvinte/leitor como mais ou menos confiável ou convincente, desta forma, influenciando de maneira mais ou menos

direta a interpretação do ouvinte/leitor. Por outro lado, ao decidir por não endossar a visão de uma terceira pessoa representada em um texto, o autor poderá usar recursos lingüísticos para tornar tal visão menos convincente. Em ambos os casos, o autor demonstra o desejo de atingir uma solidariedade de posicionamento positivo ou negativo junto ao seu ouvinte/leitor.

Como apontado por Hodge and Kress (1979, 125), a língua pode funcionar tanto para enganar como para informar, isto é, usando a ambigüidade natural da linguagem, um falante/escritor faz suas escolhas lingüísticas visando atingir um significado específico, tanto informativo como ideológico. Um enunciado carrega não somente uma carga informativa, mas ideológica também, tendo em vista os posicionamentos de valor que são feitos. Pode-se, então, dizer que um enunciado pode ser usado tanto para informar como para manipular a opinião do ouvinte/leitor.

Quanto ao endosso autoral, White (2005) aponta que o falante/escritor pode escolher permanecer neutro ao endossar uma visão externa. Ao dar seu endosso, este pode ser feito de duas formas: positiva ou negativa. Através de um endosso positivo, o autor revela direta ou indiretamente seu suporte à visão externa trazida para o texto, compartilhando a responsabilidade do que foi dito com a voz externa. Já, através de um endosso negativo, o autor se distancia do enunciado procurando mostrar que não deseja qualquer responsabilidade pela visão externa trazida para o texto, apesar de ter escolhido reportá-la em seu texto. Não se pode esquecer também que existe o endosso neutro, pelo qual um autor apenas repete as palavras da fonte externa entre aspas. A Figura 4.11 mostra um quadro resumo dos tipos de endosso autoral mencionados acima.

TIPO DE ENDOSSO AUTORAL	EXEMPLO
NEUTRO	"O presidente disse mesmo isso?", <b>perguntou o governador</b> aos jornalistas...
POSITIVO (RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA)	<b>O presidente demonstrou</b> gostar do perfil profissional formado pelo Centec, que é um executante.
NEGATIVO (RESPONSABILIDADE DELEGADA)	<b>O ministério alega</b> que chegou ao limite financeiro possível com os R\$ 500 milhões que foram oferecidos aos professores.

Figura 4.11 – Quadro resumo dos tipos de endosso autoral<sup>50</sup>

Além do endosso autoral, há um segundo aspecto importante quando se investiga o posicionamento intertextual – a fonte que está sendo citada ou usada como referência. White (ibid) explica que o tipo de fonte utilizada torna-se importante na investigação da natureza e no ‘status’ do sujeito social apresentado como fonte externa.

The type of sourcing employed by writer/speaker can be seen as having an impact on both the textual persona they construct for themselves and on the way they position their utterances with respect to likely responses from actual or potential respondents. [...] Equally, of course, source type has an impact on dialogic positioning.<sup>51</sup>

Mais uma vez, observam-se, então, recursos lingüísticos à disposição do autor para manipular a interpretação do ouvinte/leitor. Por exemplo, uma fonte com reconhecido status social pode, além de permitir uma elevação do status do autor, tornar seu posicionamento mais convincente junto ao ouvinte/leitor, ou seja, há um aumento da solidariedade do ouvinte/leitor pelo que está sendo dito. Por outro lado, um autor pode optar por diminuir a importância de uma visão externa ao construir discursivamente a fonte como uma voz genérica (“*Alguns especialistas concordam que a ação da AIEA não é pacifista...*”; “*Outros afirmam que a entidade não*

<sup>50</sup> Exemplos retirados da internet usando a ferramenta de busca [www.google.com.br](http://www.google.com.br).

<sup>51</sup> O tipo de fonte empregada pelo escritor/falante pode ser vista como tendo um impacto tanto na identidade textual que está sendo construída para o mesmo como na forma que posiciona seus enunciados no tocante a possíveis respostas de interlocutores reais ou em potencial. [...] Iguamente, é claro, o tipo de fonte também tem impacto no posicionamento dialógico.

*conseguiu prever a atual crise iraniana...”).* A escolha lexical pelos sujeitos genéricos ‘Alguns especialistas’ e ‘Outros’ não traz muita credibilidade às fontes sendo citadas (Exemplos retirados do Anexo 2.).

A Figura 4.12, a seguir, ilustra as representações de fonte externa apontadas por White (2005). Vale ressaltar que estas categorias de representação de fonte externa não são estanques. Ao contrário, elas são cumulativas, por exemplo, a primeira frase *Minha mãe insiste em comprar a merda do biscoito errado* seria classificada como contendo uma fonte externa pessoal, identificada, específica, singular e neutra.

REPRESENTAÇÃO DE FONTE EXTERNA	CATEGORIA DE REPRESENTAÇÃO	SUBCATEGORIA E/OU EXEMPLO
PERSONALIZAÇÃO	PESSOAL	HUMANO - <b>Minha mãe insiste</b> em comprar a merda do biscoito errado, será que ela é burra?
	IMPESSOAL	INSTITUCIONAL - <b>O ministério insiste que</b> , sem a ajuda da população, será impossível acabar com a doença, .... <b>Um estudo sobre</b> Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) em adolescentes foi realizado no Rio de Janeiro, ... <b>A minha mãe diz que</b> somos organizados como o meu pai ...
IDENTIFICAÇÃO	IDENTIFICADO	...
	NÃO IDENTIFICADO	<b>Uma atriz famosa</b> , provavelmente morta, <b>continua falando</b> e não quer parar, pois se não falasse morreria de vez.
ESPECIFICAÇÃO	ESPECÍFICO	<b>Os Americanos que conheço</b> (quer sejam da California, do Texas, do Ohio, ...) são gente boa.
	GENÉRICO	<b>Os americanos</b> não estão pessimistas com seus futuros como indivíduos...
AGRUPAMENTO	SINGULAR	<b>Aquele americano</b> que fala português com perfeição e tem a mocinha da história brigando por ele com a Olga? <b>A Fundação Oswaldo Cruz</b> (Fiocruz) surgiu em 1900 com a denominação de Instituto Soroterápico.
	PLURAL	AGREGAÇÃO - <b>Mais de 50% dos brasileiros</b> que trabalham nada recolhem para a Previdência Social.
		COLETIVO - <b>Os cariocas gostam</b> de praia, verão, água de coco e muito sol.
STATUS	NEUTRO	<b>Os americanos que conheci</b> eram pessoas simpáticas e desinibidas.
	MAIS ALTO/MAIS BAIXO	<b>O primeiro-ministro inglês</b> , Tony Blair, resolveu dar um basta no que considera excesso de violência e de sexo no cinema, na televisão e nos jogos de computador.

Figura 4.12 – Quadro resumo de como representar fontes externas (Adaptado de White, 2005)<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Exemplos retirados da internet usando a ferramenta de busca [www.google.com.br](http://www.google.com.br).

Finalmente, o último aspecto a ser considerado com relação ao posicionamento intertextual é a forma como a fala de um terceiro é incluída em um texto, isto é, a integração textual de uma visão externa. A fala de um terceiro pode, então, ser representada de duas maneiras: inserida ou assimilada. Quando uma fala é inserida, as palavras da fonte externa são repetidas na íntegra. Já quando a fala é assimilada, o autor usa suas próprias palavras para representar a fala ou posicionamento da fonte. Essas duas formas de integração textual de fontes externas são ilustradas na Figura 4.13 a seguir. De antemão, pode-se imaginar que a integração textual por assimilação permite ao autor embutir seu posicionamento ideológico mais facilmente ao fazer suas escolhas lingüísticas para relatar a visão de um terceiro.

TIPO DE INTEGRAÇÃO TEXTUAL	EXEMPLO
INSERIDA	O presidente Lula <b>disse</b> que "no nosso governo, para nós, todo dia é dia do índio. Para nós, todo dia é dia dos brasileiros".
ASSIMILADA	O presidente Lula <b>defendeu</b> a política econômica e a meta de inflação de 5,5% para este ano.

Figura 4.13 – Quadro resumo de formas de integração textual de fontes externas <sup>53</sup>

Sem dúvida, a assimilação permite ao autor maior possibilidade de posicionamento pessoal, seja este positivo ou negativo. Todavia, a integração textual por inserção (endosso autoral neutro) não impede por completo que o autor represente seu posicionamento de valor, visto que este pode fazê-lo através de outro recurso lingüístico. De fato, ao invés de parafrasear a fala de um terceiro com suas próprias palavras, o autor pode reportá-la na íntegra com ajuda de um ‘reporting verb’ (verbo de elocução) à sua escolha. Na realidade, a escolha desses verbos pode trazer grande carga ideológica tanto a uma fala inserida como assimilada.

Halliday (1994, 252) chama atenção para o fato de o verbo ‘dizer’ (o ‘reporting verb’ mais comum) não ser o único verbo disponível para reportar uma fala externa. Pode-se usar também verbos que combinam o ato de ‘dizer’ com mais

<sup>53</sup> Exemplos retirados da internet usando a ferramenta de busca [www.google.com.br](http://www.google.com.br).

algum elemento circunstancial, tais como: explicar (dizer em explicação), protestar (dizer com reserva), interromper (dizer fora de hora), etc. Pode-se usar também outros verbos que trazem conotações diversas, tais como: insistir, reclamar, gritar, elogiar, etc. Ainda é possível usar verbos que não têm características de ‘dizer’ mas que sugerem atitudes ou gestos expressivos que acompanham a fala. O Anexo 2 traz alguns exemplos dos verbos mencionados acima, a saber: ‘lamentar’, ‘afirmar’, ‘elogiar’, ‘criticar’, ‘concordar’ (“*Porém, grupos pacifistas, ecológicos e governos que discordam das práticas da entidade **lamentaram** a decisão da Comissão do Prêmio Nobel.*”; “*ElBaradei, [...], **afirmou** que a decisão foi uma surpresa, apesar de ele já vir sendo apontado como favorito.*”; “*O grupo ambientalista Greenpeace **criticou** o prêmio...*”)

#### 4.6

#### Amostra de aplicação da teoria em português

O objetivo desta parte da tese é apresentar a análise de um texto em português segundo a Teoria da Valoração, tendo em vista que a maior parte dos exemplos encontrados na literatura baseia-se em textos em inglês. Este exemplo de análise também é importante para ilustrar que o texto como um todo, conforme afirma White (2005), é a unidade mínima para uma macro-análise com base nesta teoria. Cabe apontar alguns poucos exemplos encontrados em português, como Viana e Shepherd (2005).

Uma vez que a literatura sobre Teoria da Valoração traz, em sua maioria, textos jornalísticos, achei que seria um bom ponto de partida escolher um texto jornalístico para ilustrar a teoria em português. O Anexo 1 mostra uma notícia de jornal ‘*Nobel contra as armas nucleares*’ retirada do jornal *O Globo Online* em outubro de 2005, que foi o texto escolhido em português para a aplicação da teoria.

Cabe uma ressalva aqui: em minha pesquisa, meus dados são em inglês e não saíram do discurso jornalístico. O uso do texto em português visa, portanto, dar uma contribuição aos estudos lingüísticos e mostrar que a teoria também se aplica ao português.

Inicialmente, para ilustrar a aplicação da teoria da valoração, cabe considerar o gênero discursivo em questão - notícia de jornal. É comum considerar o mesmo como um gênero textual marcado por grande imparcialidade nas escolhas lingüísticas e com um esperado apagamento do posicionamento do autor. Contudo, é possível observar, através de uma análise com base na Teoria da Valoração, como estas características básicas se tornam conflitantes em relação à notícia de jornal em questão. Para tal, é necessário analisar o texto vis-à-vis os três aspectos conceituais da Teoria da Valoração expostos anteriormente: posicionamento de atitude, dialógico e intertextual.

O Anexo 2 traz uma análise completa do texto em relação aos três parâmetros de atitude: afeto, julgamento e apreciação. Com esta análise, é possível chegar a algumas conclusões. Por exemplo, com relação ao posicionamento de atitude, pode-se ver que houve 27 casos de 'julgamento' no texto em questão, e dentre eles apenas 4 foram negativos. Nota-se que a maior parte dos casos de julgamento são diretamente ligados ao sujeito social *Mohamed ElBaradei (sob aplausos de seus funcionários; diretor da AIEA há oito anos; assistindo a TV; como minha mulher)*. O uso de julgamento positivo em detrimento do negativo contribui para a construção de um sujeito textual de valor social exemplar. O uso de julgamento positivo para ElBaradei contribui para a sua construção discursiva positiva, o que pode ser considerado como uma intencionalidade por parte do autor.

Em seguida, percebe-se o parâmetro 'julgamento' também sendo usado para avaliar as fontes citadas pelo autor. Dependendo do tipo de julgamento utilizado, estas fontes podem assumir uma visão mais ou menos confiável aos olhos dos leitores, deste modo tornando o que elas têm a dizer mais ou menos verdadeiro ou oficial. Por exemplo, uma forma bastante comum de caracterização de fontes em jornais é acompanhar um nome próprio de sua profissão ou cargo, aumentando assim

o seu status social e, por conseqüência, a validade e relevância de sua fala e/ou ponto de vista (*O secretário das Nações Unidas, Kofi Annan; O primeiro ministro do Reino Unido; O presidente da França*).

No texto, o uso constante da profissão das fontes depondo a favor de Mohamed ElBaradei traz maior credibilidade às fontes, o que contribui para a construção discursiva de Mohamed ElBaradei como um homem confiável. Afinal de contas, se o primeiro ministro do Reino Unido e o presidente da França acreditam que este homem tem grande valor, quem seria o leitor para dizer o contrário.

Quanto ao posicionamento dialógico e intertextual, percebe-se no texto a presença de diversas vozes: várias fontes externas, além de ElBaradei e o próprio autor (*“Porém, grupos pacifistas, ecológicos e governos que discordam das práticas...”*; *“O presidente da França, Jacques Chirac, disse ter ficado encantado...”*; *“O primeiro-ministro do Reino Unido, Tony Blair, e o chanceler federal da Alemanha, Gerhard Schroeder, também elogiaram a premiação.”*; *“O governo americano disse ter gostado ...”*; *“A secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, telefonou ontem...”*; *“O grupo japonês Hidankyo [...] também não gostou,...”*; *Segundo Terumi Tanaka, secretário-geral do grupo, a agência não luta...*). Neste texto, bastante heteroglóssico, muitas vezes é difícil nomear essas vozes. Neste caso, vale examinar os casos de endosso autoral.

Em 25 ocorrências de fontes externas, 13 são de endossos do autor, 11 de endosso neutro e 1 exemplo não endossado pelo autor. A maior parte dos casos, então demonstra a presença da voz do autor dentro do texto. Ao examinar de perto os casos de endosso pelo autor, percebe-se que 4 estão relacionados a posicionamentos favoráveis a ElBadarei e 8 são ligados a posicionamentos não-favoráveis a ElBadarei. Matematicamente falando se poderia pensar, então, que o endosso do autor é negativo em relação ao recebimento do prêmio Nobel da Paz por ElBadarei, entretanto, antes de se chegar a uma conclusão final, faz-se necessário investigar mais de perto que fontes estão sendo endossadas pelo autor e como estas são construídas no discurso.

Quanto aos endossos por parte do autor, então, primeiramente, ao se analisar os 5 endossos positivos acima mencionados, percebe-se que, em 1 dos casos (A

*Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e seu diretor, o egípcio Mohamed ElBaradei, ganharam ontem o Nobel da Paz, numa premiação que foi saudada pela maioria dos líderes mundiais e considerada por muitos um desafio aos Estados Unidos.*), as vozes não são claras, como se pode ver no uso de palavras com valor indefinido como ‘maioria’ e ‘muitos’.

Ainda desses 5 casos, 3 outros mostram fontes específicas, sendo que três delas de status alto: ‘Tony Blair’, ‘Gerhard Schroeder’ e ‘Condoleeza Rice’. O uso de uma fonte não clara e pessoas famosas contribuem para a construção positiva do sujeito social ElBaradei, mas não se vê diretamente a figura do autor compartilhando o que está sendo dito.

Por outro lado, a escolha por endossos negativos à premiação de ElBaradei demonstra, a princípio, que o autor decide compartilhar a responsabilidade do posicionamento ideológico contrário à premiação. Todavia, tais fontes foram representadas de forma bastante genérica (“*Porém, grupos pacifistas, ecológicos e governos que discordam das práticas da entidade lamentaram a decisão da Comissão do Prêmio Nobel.*”; “*Sobreviventes da bomba lamentam decisão.*”; “*Mas nem todos gostaram da premiação da agência.*”; “*Alguns especialistas concordam que a ação da AIEA não é pacifista,...*”; “*Outros afirmam que a entidade não conseguiu prever a atual crise iraniana,...*”) na maior parte, tais como: ‘grupos pacifistas’, ‘sobreviventes da bomba’, ‘nem todos’, ‘alguns especialistas’ e ‘outros’. O efeito retórico de se representar fontes externas de forma tão genérica é tornar seu posicionamento menos convincente, o que faz com que esses endossos negativos tornem-se mais fracos.

Cabe também ressaltar que, nestes casos, houve uma incidência de posicionamento dialógico por negação.

Note that even a high value modal (‘certainly’, ‘always’) is less determinate than a polar form. (Halliday, 1994: 89)<sup>54</sup>

Na afirmação anterior, Halliday tenta mostrar que a forma polarizada negativa ou positiva é muito mais forte que qualquer forma modalizada, deixando pouco

---

<sup>54</sup> Perceba que mesmo um modal com um valor alto de modalidade (certamente, nunca) ainda é menos determinante que uma forma polarizada.

espaço para negociação de significado entre os participantes do discurso. Não obstante, vale questionar se uma afirmação ou negação tão forte assume o mesmo valor vindo de uma fonte construída discursivamente como genérica, não confiável.

Tendo em vista os pontos acima levantados, pode-se concluir que o autor adotou um posicionamento favorável à premiação de Mohamed ElBaradei, construindo-o como um sujeito social respeitado por muitos, inclusive pessoas e instituições famosas de status social alto. Apesar de ter apresentado posicionamentos contrários à sua premiação, a argumentação tornou-se fraca tendo em vista a forma como essas fontes foram construídas discursivamente.